

VIAGEM AO SUBCONSCIENTE CÓSMICO

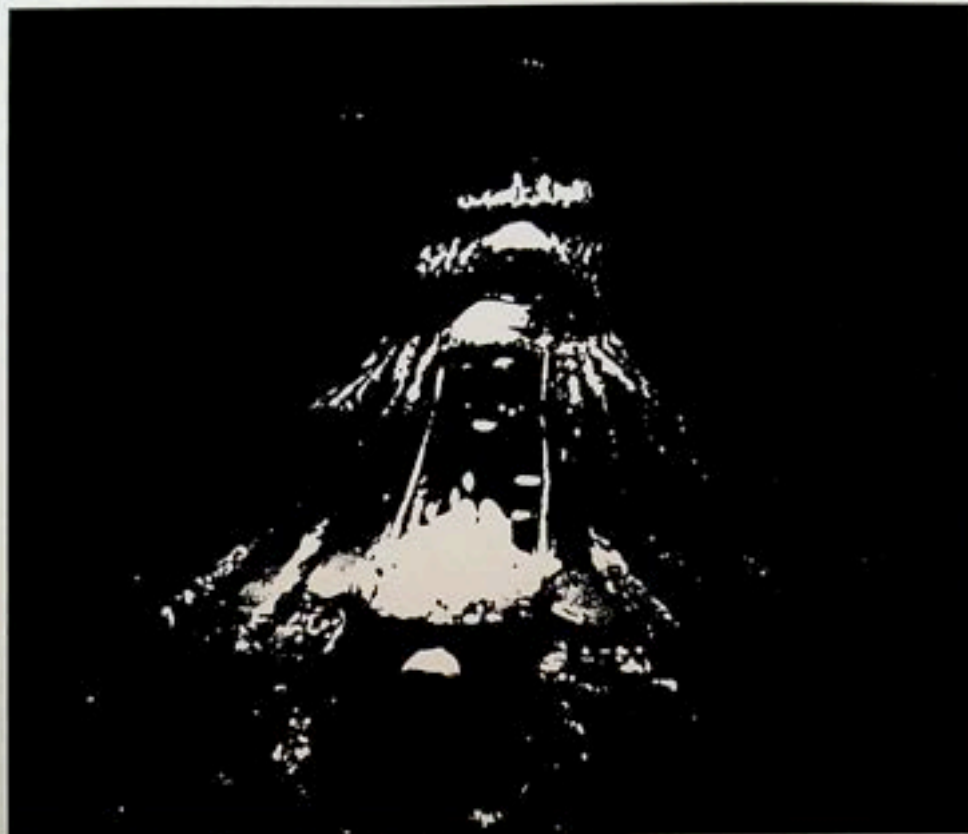
Grupo polaco Scena Plastyczna no Citemor

Entra-se no local do espectáculo como se nos introduzíssemos numa qualquer nave às escuras. Prepara-se a viagem. Não há noção do espaço e, muito em breve, do tempo. Música, rastilhos de luz, imagens incontornáveis desafiam e despertam as nossas emoções. Sem palavras, com linguagem da esfera do subconsciente. A mensagem é cósmica, mas com o Homem omnipresente. São assim as montagens cénicas da companhia polaca Scena Plastyczna, que de quarta-feira passada a anteontem apresentou no Citemor, em Montemor-o-Velho, a produção «Saída».

Luis Bizarro Borges

Dirigida por Leszek Madzik, a Scena Plastyczna (Cena Plástica) é, seguramente, uma das companhias mais perturbantes do mundo. Se não bastasse o facto dos seus espectáculos serem sempre surpreendentes, acrescenta-se ainda o incomodismo que provoca ao tentar fazer-se a catalogação do que é apresentado e visto. Em primeiro lugar surge a questão de saber se é ou não teatro e depois — admitindo que é — que género chamar-lhe. Na Polónia e fora dela, alguns críticos avançam com as propostas teatro religioso, teatro cósmico, teatro filosófico ou teatro das imagens. Por mim, abstenho-me da arrumação na área teatral. E dentro das artes cénicas, a ter que chamar alguma coisa, seria espectáculo iconográfico.

As criações de Madzik obedecem, numa primeira abordagem, a quatro factores: música, luz, imagem e movimento. Da coordenação destes resulta uma sequência de quadros iconográficos intermeados por «blackouts». Estabelece-se assim uma comunicação, uma linguagem sem palavras mas recheada de códigos e



«A saída», pela companhia polaca Scena Plastyczna.

de pistas para chegar a uma possível mensagem.

Os títulos dos espectáculos da Scena Plastyczna (exemplos: «Nascimento», «O estigma», «A costa») são os mais fortes indicadores da temática abordada. E quais são os temas? Leszek Madzik afirma: «Estou sempre a fazer as mesmas performances». Por outras palavras, o criador polaco coloca sempre o Homem na esfera da enigmática relação cósmica. É o mistério da vida e da morte em equação com o Universo. A religiosidade que alguns apontam nas montagens de Madzik verifica-se na sua atracção pelo transcendente e pelas dimensões que nos ultrapassam.

Por isso é que o espaço e, designadamente, o elemento tridimensional

da profundidade são fundamentais nos espectáculos desta companhia polaca. A música e o dualismo luz/trevas por outro lado, criam a atmosfera adequada para uma viagem aos domínios do subconsciente, viagem essa reforçada e completada pelas imagens que se vão desenvolvendo em quadros acompanhados por desmultiplicações plásticas.

A montagem que foi apresentada no Citemor, «A saída» («Wrota»), perdeu muito do efeito devido ao facto do local (um celeiro agrícola) não ter a profundidade necessária de forma a que o público se distanciasse o suficiente para perder a noção de espaço.

Por outro lado, e sem embargo de se tratar de um excelente espectáculo,

«A saída» fica uns pontos abaixo das duas outras produções («Herbarium» e «Humidade») que a Scena Plastyczna trouxe à Bienal Universitária de Coimbra em 1984 e 1986.

Seja como for, a presença desta companhia polaca é sempre motivo enriquecedor para qualquer festival, ou não sejam as produções de Leszek Madzik, por si só, um acontecimento cultural de vulto. Basta avaliar o seu currículo internacional e, entretanto, já agora, contar os prémios atribuídos. Mas, sem margem para dúvida, melhor do que tudo isto é ver, de facto, os espectáculos da Scena Plastyczna, porque são inigualáveis. E não há palavras que os descrevam, porque são «falados» na linguagem das emoções.